

MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA: o mito da conspiração comunista no Brasil ¹

MEMES OF PUBLIC DISCUSSION: the communist conspiracy myth in Brazil

Guilherme Popolin ²

Resumo: O mito de uma conspiração comunista permeia a história do Brasil desde o século XX. Com a internet e os sites de rede social (RECUERO, 2015), novos recursos são utilizados para reatualizar a ideia deste suposto complô (GIRARDET, 1987) no imaginário da população. Este artigo analisa memes de discussão pública (CHAGAS, 2016) coletados em uma página de direita do Facebook “O Retrôgrado”. A análise de conteúdo (HSIEH & SHANNON, 2005) demonstra a ideia do mito de uma conspiração comunista em curso no Brasil. As ações do governo petista passaram a ser interpretadas a partir da lógica do mito de uma conspiração comunista (AB’SÁBER, 2015), sobretudo, após as jornadas de junho de 2013, momento em que a direita online (SILVEIRA, 2015) passou a se mobilizar de maneira mais intensa na internet.

Palavras-Chave: Memes de discussão pública. Mito. Comunismo.

Abstract: The communist conspiracy myth permeates the history of Brazil since the twentieth century. The internet and the social networking sites (RECUERO, 2015) brings new resources used to re-actualize the idea of this alleged plot (GIRARDET, 1987) in the population's imagination. This paper analyzes memes of public discussion (CHAGAS, 2016) collected on a Facebook right-wing fanpage “O Retrôgrado”. The content analysis (HSIEH & SHANNON, 2005) demonstrates the idea of a communist conspiracy myth in progress in Brazil. The PT government actions were interpreted from the logic of a communist conspiracy (AB’SÁBER, 2015), especially after the days of June 2013, when the online right-wing (SILVEIRA, 2015) mobilize more intensely on the internet

Keywords: Memes of public discussion. Myth. Communism.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Internet e política (GT4) do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: gpopolin@gmail.com.

1. Introdução

Em momentos de crise – econômica, política ou social –, a sociedade fica mais vulnerável às explicações mitológicas, na busca de um sentido ou solução para os problemas vivenciados no presente. Este artigo analisa a reatualização de um mito que permeia a história do Brasil desde o século XX: o mito da conspiração comunista.

Mudaram-se as mídias e os instrumentos de comunicação, porém, os argumentos sobre uma suposta conspiração comunista continuam os mesmos de 50 anos atrás. Com a internet e os sites de rede social (RECUERO, 2015), novos recursos são utilizados para propagar a ideia de um suposto complô, tida como certa e real pelas pessoas a replicam na rede. O mito avança quando encontra disponibilidade e receptividade nos setores da sociedade (GIRARDET, 1987).

Após as jornadas de junho de 2013, o ciberativismo de grupos ligados à direita e à esquerda ficou evidente nos sites de rede social. A direita online (SILVEIRA, 2015) passou a ser mais mobilizada nas redes que a esquerda. A internet proporcionou um acirramento ideológico, principalmente após as eleições presidenciais de 2014, quando a polarização política ficou nítida no Brasil e culminou no processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (SOUZA, 2016). No Brasil, durante os 14 anos do governo do Partido dos Trabalhadores (PT), as políticas afirmativas de inclusão social e a história do partido ligada à esquerda permitiram que o imaginário de parte da sociedade brasileira compreendesse as ações do governo petista a partir da lógica do mito de uma conspiração comunista (AB'SÁBER, 2015).

O universo da cibercultura (LEMOS, 2002) permite o aparecimento de novas linguagens, mídias e produtos culturais. O meme da internet permitiu que informações fossem replicadas com mais velocidade, caracterizando um potencial democrático na construção do debate público (CHAGAS, 2018). Os memes de discussão pública (CHAGAS, 2016) analisados neste artigo foram coletados em um site de rede social – o *Facebook*, na página de direita *O Retrógrado* – e contribuem para a propagação de informações na internet, as quais endossam a reatualização de mitos políticos no imaginário de parte da população. A análise – qualitativa e de

conteúdo (HSIEH & SHANNON, 2005) – demonstra a ideia do mito de um complô comunista em curso no Brasil. O papel da internet e dos memes na reatualização deste mito político são verificados, já que os memes compartilham características, são criados e transformados na internet pelos usuários a partir de referências em outros memes pré-existentes (SHIFMAN, 2014). A efervescência mitológica na internet, por meio dos memes, gera consequências como a ascensão de políticos populistas, a ruptura da democracia representativa entre governantes e governados (CASTELLS, 2018), além de formas peculiares de assimilação dos estudos da comunicação política.

Este trabalho apresenta parte dos resultados da dissertação de mestrado do autor³, com as devidas adequações essenciais para a produção deste artigo. Durante a pesquisa de mestrado, coletou-se 2.947 imagens postadas pela página *O Retrógrado*⁴, no site de rede social Facebook, no período de 17/07/2016 até 18/08/2017, data em que a página apresentava 231.067 fãs e 232.543 seguidores. Do total de 2.947 arquivos, imagens repetidas e imagens de cunho publicitário foram deletadas. Restaram 2.605 imagens, das quais 2.322 foram enquadradas como memes da internet pertencentes a um dos quatro conjuntos mitológicos propostos por Raoul Girardet (1987): a Conspiração, a Era de Ouro, o Herói Salvador e a Unidade. Cada conjunto foi subdividido por temáticas relacionadas. Os memes sobre o comunismo fazem parte do conjunto mitológico da Conspiração. Para a análise, optou-se pelos memes de discussão pública sobre comunismo⁵.

A fonte dos memes, como indicado abaixo das figuras, é a página do Facebook *O Retrógrado*. Por ser uma fonte online sob a tutela de seus emissores e do site de rede social onde é hospedada, realizou-se um backup das 2.605 imagens, o que se mostrou fundamental para o andamento da pesquisa. A página original foi excluída do site de rede social, porém, como o objetivo deste trabalho é analisar os

³ Intitulada *Memes de discussão pública: o mito do comunismo no Facebook*.

⁴ Todos os memes – os que contém a marca d'água com o nome da página ou não – foram coletados a partir da página *O Retrógrado* no Facebook.

⁵ Após a coleta e catalogação dos memes, identificou-se 57 memes da internet sobre o comunismo, sendo 34 de discussão pública.

memes em si e não seus instrumentos de propagação ou a recepção, a pesquisa não foi prejudicada.

2. Mitologia reatualizada

Desde as jornadas de junho de 2013 e das eleições presidenciais de 2014, o Brasil enfrentou recorrentes manifestações de descontentamento, por parte da população, contra o governo. As manifestações, endossadas pelo capital financeiro e pela mídia hegemônica, legitimaram o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (SOUZA, 2016). Nesse contexto, a internet e as redes sociais fervilharam em debates acalorados entre a “direita” e a “esquerda”. O Mito da Idade de Ouro, o Mito do Herói Salvador, o Mito do Império das Trevas (Conspiração) e o Mito da Unidade (GIRARDET, 1987) encontraram território fértil para propagarem-se por meio dos memes da internet. A mitologia apresenta um caráter de explicação e de resolução acerca de problemas incompreendidos pelas sociedades, principalmente em momentos de crises.

No Brasil, na América Latina e no mundo, a direita se reagrupa, se atualiza e emprega novas táticas para propagar um discurso, muitas vezes, de cunho conservador. Como este artigo demonstra, a direita utiliza as novas tecnologias e as novas linguagens da internet para propagarem velhos pensamentos, como pode ser observado com os memes da internet sobre o mito de uma conspiração comunista. De acordo com Sebastião Velasco e Cruz (2015) a diferença entre a direita e a esquerda é entendida como um juízo diverso, que pode ser negativo ou positivo, sobre o ideal de igualdade no âmbito da moral e das visões de mundo: a esquerda unida pela busca de um sentimento de igualdade, contra as inúmeras desigualdades vistas pela direita como naturais e inevitáveis.

A história do Brasil é marcada por golpes e crises. Ao longo do tempo, conspirações políticas – muitas vezes unindo aparato militar e os meios de comunicação hegemônicos – ergueram e derrubaram governos. De acordo com Raoul Girardet (1987), o mito da conspiração se utiliza de símbolos de mácula para se referenciar. Ao longo da história, as acusações de um complô foram utilizadas pelos poderes estabelecidos “para livrar-se de seus suspeitos ou de seus opositores,

para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar suas próprias falhas e seus próprios fracassos (p. 49-50)”.

A história do comunismo no Brasil associa-se ao mito da conspiração. Desde a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, a cassação, a perseguição e a clandestinidade foram elementos presentes tanto no percurso histórico do partido quanto sobre todas e todos considerados comunistas. O anticomunismo tornou-se uma das principais bandeiras levantadas pela direita (KAYSEL, 2015). No contexto da Guerra Fria e do golpe civil-militar no Brasil, em 1964, o complexo Ipes-Ibad⁶ selou a união dos civis com os militares. Assim, os meios de comunicação de massa – jornais, rádios e emissoras de televisão – passaram a propagar a mensagem anticomunista difundida pelo Ipes-Ibad.

Em 1964, o Ipes preparou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que legitimou o golpe civil-militar⁷ no Brasil por parte da sociedade civil. O golpe significou uma derrota para o Partido Comunista, que teve seus dissidentes perseguidos pela ditadura. A propaganda anticomunista da Era Vargas⁸ e do período relacionado à ditadura civil-militar formaram as bases do mito do comunismo no Brasil e do mito de um grande complô em curso no país, em que a prioridade seria combatê-lo. Os dois golpes – Estado Novo e a ditadura civil-militar – foram legitimados pelo medo de um levante comunista no Brasil.

A mensagem de um mito só é transmitida com eficácia quando existe certa disponibilidade por parte dos receptores para aceitá-la, ou seja, quando os códigos já existem no imaginário. Os mitos ganham destaque e são reatualizados em momentos de incerteza e angústia. Os instrumentos midiáticos da Era Vargas, os institutos de pesquisa e a imprensa em 1964 criaram um ambiente propício para o florescimento do mito do comunismo no Brasil e a reatualização do mito de um

⁶ Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes). Organismos extrapartidários que financiavam campanhas eleitorais. Os institutos criavam e divulgavam materiais sensacionalistas que combatiam o comunismo, demonizando-o.

⁷ O golpe civil-militar de 1964 levou o Brasil a um período ditatorial de 21 anos (1964-1985). É considerado como civil-militar, já que parte da sociedade civil apoiou e foi de grande importância para a manutenção dos militares no poder (SILVA, 2014).

⁸ O Plano Cohen criado para incriminar, perseguir e prender comunistas é um dos exemplos mais significativos (SCHWARCZ, 2015).

complô comunista. A crise política e econômica brasileira, intensificada após as eleições presidenciais de 2014, trouxe à tona para parte da população o medo coletivo de uma conspiração comunista. Este medo, muitas vezes fundamentado em discursos de ódio, é externado na internet, entre outros formatos midiáticos, por meio dos memes. O mito do complô aparece como resposta ou reação a um sentimento de ameaça.

Mesmo na época do ex-presidente Lula, quando a economia ia bem e o bem-estar social era ao menos aparente, o governo petista ganhava de seus opositores a alcunha de socialista e comunista, como se os dois conceitos representassem o mesmo significado. Com a instabilidade política e econômica intensificada após 2014, o mito de um complô comunista em curso ganhou cada vez mais força. As ações do governo petista passaram a ser compreendidas a partir da lógica do mito de uma conspiração comunista. Mesmo com a imprensa livre, com investigações contra a corrupção prendendo membros da cúpula do próprio PT – sem nenhuma intervenção dos ex-presidentes Lula e Dilma que sempre reafirmaram seus compromissos com a democracia –, o anticomunismo ganhou força.

De acordo com Ab'Sáber (2015), com o grande capital contra o governo, o brasileiro médio, antipetista e anticomunista entra em cena na política real, “deixando de expressar privadamente um mero ressentimento rixoso, carregado de contradições, contra o relativo sucesso do governo lulo-petista, que jamais pode ser verdadeiramente compreendido por ele (p. 35)”. O brasileiro médio herdou e se apropriou das ruas a partir dos movimentos de 2013, originalmente de esquerda e críticos ao governo. Se manifestou em massa, quando convocado pela internet e pelos meios de comunicação hegemônicos. Anticomunistas e mídia se retroalimentaram.

O anticomunismo atrasado brasileiro é regressão da política. Regressão aos argumentos de força e redução da diferença, e implica gozos baixos, do ódio que poderia se alçar ao sadismo, simplificação de toda vida pública e social e do direito ao desprezo do destino da vida popular. É uma política do direito ao ódio fixado, frente à vítima escolhida (AB'SÁBER, 2015, p. 44).

Ab'Sáber (2015) utiliza termos como paranoia, alucinação e neo-transe para se referir às motivações que inflamam o anticomunismo associado aos governos petistas. Após as eleições presidenciais de 2014 e após o impeachment da ex-

presidenta Dilma Rousseff, assuntos relacionados à esquerda, direitos humanos e políticas progressistas – afirmativas e de inclusão – passaram a ser considerados comunistas, a partir de associações delirantes, antes de qualquer reflexão.

De acordo com Girardet (1987), no Mito da Conspiração, um ameaçador grupo de pessoas é responsável por um complô, o qual fomenta as mazelas sociais, atentados e desordens. O comunismo passou a ser demonizado intensamente com o agravamento da crise política brasileira⁹. O termo comunista passou a ser sinônimo de esquerda para muitas pessoas, sempre associado à destruição da família tradicional brasileira, à corrupção, à violência e ao suposto complô para a implantação de uma ditadura comunista no Brasil. Uma aura ameaçadora é colocada sob as pessoas com afinidades políticas aos pensamentos de esquerda, imigrantes, LGBTs e minorias políticas em geral.

A lógica da manipulação substitui a imprevisibilidade dos fatos no mito da conspiração. Essencialmente, ganha força em momentos de incerteza e angústia social. As bases deste mito estão calcadas em um sentimento quase instintivo de reação a uma ameaça ou a uma possível ameaça, geralmente acerca de um grupo que deseja submeter a ordem das coisas a ele. A realidade é agregada ao mito a partir de conexões com dados factuais, verificáveis e apreensíveis. Por meio de uma lógica de fatos reduzidos, o mito da conspiração, ou complô, preenche a função social de explicação. Aparentemente inflexível, esta lógica faz com que a causa ou o assunto temido ceda “diante de um sistema organizado de evidências novas. O destino volta a ficar inteligível; uma certa forma de racionalidade, ou pelo menos de coerência, tende a restabelecer-se no curso desconcertante das coisas... (GIRARDET, 1987, p. 55)”. Na internet, os memes políticos são ferramentas que contribuem para a efervescência de mitos políticos no imaginário.

3. Os memes e a participação política

⁹ "Comunista tem que morrer". Ato contra imigrantes termina em violência. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunista-tem-que-morrer-ato-contra-imigrantes-termina-em-violencia>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

No campo ideológico e simbólico, a internet representa um terreno de confronto. Independente do conteúdo, a reprodução de postagens em um site de rede social – como ocorre no Facebook – é feita de acordo com a confiança, reputação e simpatia. O senso comum prevalece, sustentado por ideais capitalistas e de mercado. Para Silveira (2015), a esquerda encontra dificuldades em lidar com a forma interativa e horizontal da internet, ao contrário da direita que demonstra uma capacidade maior em se organizar, se recriar e se agrupar nas redes online. O autor salienta a relação dos memes com o senso comum, os quais dialogam diretamente. A disputa política nas redes sociais muitas vezes é realizada por meio dos memes da internet. Para o autor, a força da direita na internet está fundamentada na associação entre os memes e o senso comum. A partir de junho de 2013, os “memes da direita capturavam pessoas que não se identificavam com sua agenda, mas queriam um mundo melhor e acreditam em uma sociedade mais justa (SILVEIRA, 2015, p. 225, grifo do autor).

A configuração atual da cibercultura, do ciberespaço, da internet e das redes sociais levaram ao enfraquecimento das instituições políticas. A capacidade das sociedades se ajustarem aos choques de uma transição, por exemplo, foi reduzida (CASTELLS, 2003). Este aspecto teve ampla influência na reorganização da direita, uniu conservadores e deu visibilidade aos movimentos reacionários. O mundo digitalizado proporciona a transformação do receptor em emissor, perspectiva que é potencializada pelas comunidades virtuais. As comunidades virtuais trazem à tona o tribalismo e o presenteísmo em suas conexões por redes de conexão. De acordo com Lemos (2002), a perspectiva individualista da modernidade se esgotou, o que não significa que não existam mais sujeitos individualistas. O tribalismo contemporâneo agrega os sujeitos em torno de interesses comuns – religiosos, esportivos, artísticos, entre outros –, que podem ser também utilizados em prol de solidariedades racistas, criminosas e intolerantes.

A maneira como os sujeitos se relacionam demonstra a influência da cultura popular no momento de se relacionar com a política, como aponta Henry Jenkins (2013). O autor faz um alerta sobre a diversificação dos canais de comunicação e democracia digital, já que grupos antes silenciados pela mídia corporativa – sejam

eles revolucionários, reacionários ou racistas – passam a ter espaço para propagarem seus conteúdos. O cidadão médio passa a questionar as instituições em comunidades online. A desconfiança sobre as notícias veiculadas pela mídia corporativa e o descontentamento com a política são temas recorrentes nas discussões. Na esteira desse movimento, de simples montagens inspiradas em charges até manifestos políticos, o uso do software de edição de imagens Photoshop fez com que muitos assuntos fossem sintetizados em uma única imagem. Estas imagens passaram a ser construídas com inspirações na cultura popular.

Jenkins (2013) salienta a transformação da política em um tipo de cultura popular, na qual as responsabilidades civis são encaradas sob a perspectiva da expertise de fã. Nesse aspecto, o indivíduo tenta monitorar as informações políticas acumuladas, porém, ao não ter conhecimento sobre todas as questões adquire uma postura defensiva e vigilante. As comunidades virtuais em sites de redes social, como as páginas no Facebook, criam nichos de comunicação, de acordo com o conteúdo difundido e discutido. O compartilhamento de ideias diminui a capacidade de aprender quando todos de um mesmo grupo compartilham as mesmas convicções e o mesmo conhecimento. A polarização política é um efeito possível, pois os indivíduos acabam por escolher ter contato apenas com os canais de comunicação que possuem as convicções e as concepções políticas alinhadas com as suas.

Neste contexto de enfraquecimento das instituições, fruto da cibercultura, a direita brasileira – pós-2013 – se reorganizou, angariando cidadãos médios que passaram a questionar as instituições democráticas, principalmente em comunidades virtuais. As redes permitiram que uma direita mais conservadora, pouco expressiva no próprio parlamento e na mídia tradicional, mas com forte capacidade de mobilizar o senso comum e expressões de ódio e preconceito, reunisse pessoas dispersas e avançasse na articulação de adeptos. A atividade é a essência da mobilização em rede (SILVEIRA, 2015). A mobilização na rede foi endossada pelos memes políticos, mídia utilizada de maneira contundente pela direita brasileira online.

O termo meme foi cunhado pelo etólogo Richard Dawkins, em 1976, na obra *O gene egoísta* (2007). O autor aponta que a transmissão cultural é realizada de maneira análoga à transmissão genética. Um exemplo citado é a linguagem, que evoluiu por meios não genéticos ao longo da história. A sobrevivência do meme em uma mente varia de acordo com o seu apelo psicológico, como a ideia do meme Deus, a qual é “prontamente copiada por gerações sucessivas de cérebros individuais. Deus existe, nem que seja somente na forma de um meme com elevado grau de sobrevivência, ou poder de contágio, no ambiente fornecido pela cultura humana (DAWKINS, 2007, p. 331)”.

Limor Shifman (2014) exemplifica como os memes sempre fizeram parte da sociedade humana. O meme pode ser uma ideia (Deus), um texto (piada) ou uma prática (rituais religiosos). A autora define um meme da internet como “(a) Um conjunto de elementos digitais que partilham características comuns de conteúdo, forma e/ou (b) foram criados com consciência uns dos outros, e (c) foram disseminados, imitados e/ou transformados pela Internet por muitos usuários (p. 41, tradução nossa)”.¹⁰

De acordo com Viktor Chagas e Janderson Toth (2016), o fenômeno da imitação cultural já era estudado por sociólogos antes dos estudos de Dawkins. Entretanto, foi o autor da biologia que popularizou o tema e criou o termo meme como o “gene da cultura (p. 214)”, o qual corresponde a um elemento fundamental para o entendimento da evolução da cultura. A apropriação do conceito de meme de Richard Dawkins define um fenômeno da cibercultura¹¹. Na internet, os memes se manifestam em forma de fotomontagens, vídeos, frases, hashtags, tirinhas, entre outras formas. Qualquer informação replicada, seja por sua forma ou por seu

¹⁰ (a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which, (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users.

¹¹ A cibercultura é o nome dado para a nova relação que nasce entre o ser humano e a vida social, em proporções planetárias. Segundo André Lemos (2002), as inovações técnicas de cada época refletem as mudanças sociais, as maneiras de sociabilidade e de agregação social de cada período histórico. A cibercultura nasce nos anos 1950 com a informática e a cibernética. Sua popularidade aumenta na década de 1970 com a microinformática. A completa estabilidade chega nos anos 1980 – com a informática de massa – e em 1990 – com as redes telemáticas. Ao se misturar ao ambiente cultural, as novas tecnologias aproximam o prazer estético e o compartilhamento social.

conteúdo, ganha a alcunha de meme. O termo meme, utilizado para denominar os conteúdos que circulam na internet, passa a significar uma mídia em si mesmo.

Em um momento em que as mídias digitais se revelam cruciais tanto para grandes campanhas políticas quanto para os movimentos sociais e políticos de base, a internet estimula a participação política para além da participação formal, como o voto ou a afiliação a alguma organização. Os memes influenciam uma nova compreensão de participação política, seja em blogs ou em sites de rede social.

A estratégia de reinterpretar o meme digital, com a recriação, é nova. Envolve a manipulação por meio de instrumentos tecnológicos, como o Photoshop. A imitação e a recriação são recorrentes na internet. Hoje, o termo meme é utilizado para descrever o excesso de reinterpretações e recriações dos conteúdos. A partir da pesquisa sobre memes, Shifman (2014) identifica aqueles que podem ser distinguidos como memes políticos, os quais são categorizados pela autora em três formas: memes de persuasão, memes de ação coletiva e memes de discussão pública:

os memes persuasivos enfatizam a *retórica* em seus conteúdos; os memes de ação popular concentram seus esforços no *recrutamento* de indivíduos para tomarem parte em suas campanhas; e os memes de discussão pública regem-se pela *repercussão* e reapropriação das peças por diferentes internautas ou grupos de internautas. (CHAGAS & TOTH, 2016, p. 218. Grifos do autor).

Os memes de discussão pública são aqueles produzidos por meio de montagens visuais ou audiovisuais, geralmente carregadas de humor. O amadorismo, a crítica e a ironia ficam explícitos. Chagas e Toth (2016) tratam estas categorias como gêneros de memes. Chagas et al. (2017) propõe uma metodologia de análise de conteúdo com base nos memes sobre debates eleitorais de 2014 publicados no site de rede social Twitter. Para aferir o enquadramento discursivo dos memes desenvolveu-se uma matriz taxonômica baseada em pesquisas sobre memes e em pesquisas sobre Comunicação Política. Chagas et al. (2017) compreendem os memes - por meio dos estudos de Limor Shifman - como um conjunto semântico. Quando o conjunto é separado em unidades isoladas estas unidades não conseguem atingir um significado. Os memes políticos foram divididos em: persuasivos, os quais despertam o engajamento no próximo; de ação popular, que demonstram o engajamento ao próximo; de discussão pública - familiariza o

próximo e a si mesmo, além de serem “criados para funcionar como comentários despropositados dos eleitores a uma situação ou reação específica, expressão polivocal (MILNER, 2013), geralmente identificados como piadas (CHAGAS et al., 2017, p. 12-13).

De acordo com Chagas (2016), os memes de discussão pública possuem um humor latente. Geralmente, a construção se faz a partir de uma imagem estática com legendas sobrepostas ou com a adição de elementos característicos das fotomontagens. Os memes de discussão pública “flertam com a ironia e o humor subversivo, dessacralizam e deslocam sentidos (p. 95)”. O meme pode ser entendido como a expressão mais sofisticada no que tange ao “conteúdo gerado pelo usuário” (UGC, sigla em inglês). A produção de memes políticos recebe forte influência da cultura popular. Dessa maneira, integra e socializa o indivíduo com a linguagem política. Chagas (2016) argumenta que “enquanto conteúdos que evocam a cultura popular-massiva, os memes podem operar como cimento da relação entre expressão individual e culturas políticas (p. 110)”. Para o autor, a experiência compartilhada de construção política faz com que o meme aja também como um ator de letramento político.

4. O comunismo e os memes

A análise de conteúdo (HSIEH & SHANNON, 2005) dos memes de discussão pública é realizada a partir da revisão bibliográfica, principalmente por meio das obras de Shifman (2014), Chagas & Toth (2016), Jenkins (2013), Silveira (2015), Schwarcz (2015) e Girardet (1987). Após a filtragem e catalogação das 2.947 imagens coletadas a princípio na página do Facebook *O Retrógrado*, restaram 57 memes sobre comunismo – 34 de discussão pública. A dissertação de mestrado, a qual deu origem a este artigo, operacionalizava a análise a partir dos tipos de humor no Facebook propostos por Taecharungroj & Nueangjamnong (2015). O presente trabalho apresenta memes de discussão pública segmentados pelo tipo de humor: o humor de comparação, o humor de personificação, o humor de exagero, o humor de trocadilho, o humor sarcástico, o humor nonsense e o humor surpresa.

Os memes com características do humor de comparação combinam dois elementos diferentes, a fim de produzir uma situação engraçada. Os memes (FIG. 1) se enquadram entre os memes de discussão pública, pois o humor de comparação utiliza-se de estereótipos e do senso comum da cultura popular quando se trata do comunismo. A analogia feita de forma simplista não leva em consideração os contextos históricos, tampouco as vertentes que o comunismo ganhou ao longo do tempo.



FIGURA 1 – Humor de comparação
 FONTE: Página *O Retrôgrado*

A imagem à direita traz o texto “amarelo com vermelho é uma combinação de cores que desperta a fome”, seguido de “verdade”. A imagem à esquerda traz o texto “AQUELE TOM DE VERMELHO QUE TE DEIXA MORRENDO DE FOME”. O meme à direita mostra as logomarcas de três empresas do ramo alimentício que utilizam a cor vermelha em suas composições: Burger King, Mcdonald’s e Pizza Hut. Entre as logomarcas está a bandeira do Partido Comunista (PC), composta pelo fundo vermelho sobreposto pelos símbolos do martelo e da foice amarelos entrecruzados. O meme à esquerda traz três alimentos que possuem a cor vermelha: o morango, a gelatina e a maçã. Entre os alimentos repete-se a figura da bandeira do PC.

Os memes remetem a eventos históricos da ex-URSS e da China, os quais tiveram a fome no centro de crises. Segundo Robério Paulino Rodrigues (2006),

durante a Guerra Civil da Rússia (1918-1921) – período em que o Partido Comunista já estava à frente do país após a revolução de 1917 – a fome se alastrou pelo país. A política de requisições dos excedentes dos camponeses em que estes deveriam entregar o excedente ao Estado e reduzir a quantidade para consumo próprio fez com que muitos escondessem os estoques para vender no mercado ilegal.

Na década de 1930, no período da autocracia stalinista, os camponeses se rebelaram contra a coletivização forçada. A destruição de cereais, equipamentos e fuzilamento dos que discordavam do governo geraram uma nova crise, a qual foi acompanhada de um período de fome generalizada entre os camponeses (RODRIGUES, 2006). A China, comandada por Mao Tsé-Tung, também enfrentou um período de grande fome entre 1959 e 1961. As inundações, a coletivização forçada da agricultura, as metas irrealistas de produção industrial e a ênfase na indústria pesada impactaram de forma negativa a produção agrícola. A falta de bens de consumo básico, como os alimentos foi uma consequência desta conjuntura (MORAIS, 2011).

A fome como indica os memes (FIG. 1) não é uma característica do comunismo. No caso da ex-URSS – hoje, representada pela Rússia – e da China, os desastres em relação à alimentação da população são relacionados principalmente a política com foco nas indústrias pesadas e à repressão dos camponeses. Conforme Netto (1987), tais aspectos nada têm a ver com o comunismo proposto por Marx e Engels. Fazem parte da história de países que almejaram o comunismo, mas seguiram um caminho obscuro ainda na fase do socialismo – momento de transição entre o capitalismo e o comunismo.



FIGURA 2 – Humor de personificação
FONTE: Página *O Retrôgrado*

O meme (FIG. 2) traz o texto verbal “REUNIÃO DOS COMUNAS” sobre a imagem de um grupo de ratos em círculo. Ao reproduzir um estereótipo histórico perpetuado pelos opositores dos ideais comunistas, entende-se que o emissor do meme buscou comparar os comunistas com os ratos, os quais são personificados com o apoio do texto verbal sobre a imagem. Organizar e realizar uma reunião são características humanas que neste meme são postas sobre um grupo organizado de animais.

Este meme propaga a concepção do Mito da Conspiração (GIRARDET, 1987). A noção de uma reunião realizada pelos ratos – comunistas – pode ser relacionada com a organização de pessoas que possuem hábitos degradantes e que vivem próximas da sujeira, simbolizando uma ameaça de contaminação. A associação dos comunistas com ratos reflete o caráter clandestino que os comunistas e o Partido Comunista enfrentaram ao longo da história do Brasil. O Mito da Conspiração é atrelado ao mito do comunismo brasileiro, já que a mitologia acerca dos comunistas – fomentada pelos governos e pela mídia hegemônica – os retratam como ameaças contra as quais é preciso lutar.

**ESCOLA SEM COMUNISMO
É OUTRA COISA**

FIGURA 3 – Humor de Exagero
FONTE: Página *O Retrôgrado*

O meme (FIG. 3) redimensiona o conteúdo emitido para além da realidade, característica do humor de exagero, neste caso, presente no âmbito da educação escolar. A analogia é feita com o texto verbal “ESCOLA SEM COMUNISMO É OUTRA COISA” sobre a imagem de uma sala de aula composta apenas por meninos uniformizados ao estilo militar. O professor, também militar, está em posição de sentido, enquanto a criança à sua frente bate continência.

Com as ações do PT vistas sob a ótica do comunismo, o trabalho do partido na educação passou a compor o imaginário de uma conspiração, na qual os estudantes estariam sendo doutrinados em sala de aula. A suposta doutrinação sobre variados aspectos do universo social, mas também em prol do comunismo, levou ao nascimento de um projeto de lei chamado Escola Sem Partido¹². Com a implantação de políticas afirmativas – como a Lei das Cotas¹³ – entende-se que algumas pessoas passaram a compreender estas ações inclusivas como ações comunistas. Segmentos da sociedade que apoiam o Escola Sem Partido acreditam que as instituições de ensino – abrangendo as instâncias do ensino infantil até o ensino

¹² O Escola Sem Partido é um projeto que visa “neutralizar a educação” e combater a “doutrinação ideológica”. Disponível em: <http://prosalivre.com/mascara-da-masculinidade/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

¹³ Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

superior – seriam mais ordeiras e eficientes sem a influência do comunismo que visa doutrinar os estudantes a favor do PT.

Neste caso, fica evidente o poder da recusa ligado ao pensamento da direita política representado pelos posicionamentos anti-partidário e anti-cotas sobre a educação. Intui-se que ao adotar tais posicionamentos sobre um assunto de interesse público, como a educação, a direita reforça as desigualdades tidas por ela como naturais e inevitáveis, com o objetivo de manter o status quo econômico e social, resquícios do período colonial. A histórica e estreita ligação da direita com os militares permite que o meme (FIG. 3) reatualize o mito do comunismo.



FIGURA 4 – Humor de trocadilho
FONTE: Página *O Retrógrado*

O humor de trocadilho utiliza elementos da linguagem para criar novos significados, muitas vezes incomuns. É o caso do meme (FIG. 4) que traz uma foto de Fidel Alejandro Castro Ruzcom e Ernesto Guevara de la Serna – Fidel Castro e Che Guevara – sob o texto verbal “Che Guevara e Fidel juntos novamente, mas agora com o capeta, já podem implantar o COMUNISMO no inferno!”. Dada a circunstância da morte de Fidel Castro, o meme satiriza o fato ao estilo agressivo.

O meme (FIG. 4) utiliza o trocadilho com a linguagem em busca do efeito do humor, efeito esse que provavelmente atinge aqueles que concordam com os conteúdos emitidos pela página *O Retrógrado*. Dessa maneira cria-se um espírito de combate. O imaginário social daqueles que veem os comunistas como inimigos que

merecem ser eliminados é alimentado por essa espécie de meme. O espírito de combate propagado por este meme apoia-se no medo (BAUMAN, 2008; 2014) cultivado pelo mito do comunismo. Os que acreditam em um complô comunista e na influência de Fidel Castro e Che Guevara ativam um mecanismo egoísta em que se exclui o outro para evitar a própria exclusão.



FIGURA 5 – Humor sarcástico
FONTE: Página *O Retrôgrado*

O meme (FIG. 5) se enquadra no humor sarcástico. O meme traz o texto verbal “COMUNISMO É A DISTRIBUIÇÃO IGUALITÁRIA DA MISÉRIA” sobre a imagem de uma família aparentemente desnutrida, em frente da sua possível casa feita de pedras. A imagem retrata uma família durante o Holodomor (1932-1933)¹⁴, popularmente chamado de “holocausto ucraniano”, causado pelas políticas do governo soviético. No episódio, Stalin bloqueou a entrada de alimentos na Ucrânia, o que levou muitas pessoas a morrerem de fome.

O humor sarcástico é identificado pela união do texto verbal sobre uma imagem. Com a interpretação do contexto que a imagem retrata, é possível perceber o estilo agressivo de humor empregado. Dessa maneira, entende-se que o emissor ao querer propagar sua mensagem para atacar o comunismo também desrespeita e banaliza as vítimas do Holodomor. De acordo com o contexto atual do comunismo

¹⁴ The Ukrainian Holodomor. Disponível em: <https://worldhistoryproject.org/1932/the-ukrainian-holodomor>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

no Brasil, verifica-se a necessidade do emissor do meme em ratificar a associação do comunismo com a fome, com o que é degradante e com o que é sub-humano. Dessa forma, fomenta o mito político da possível conspiração comunista no Brasil.

Segundo José Paulo Netto (1987), a proposta do comunismo é a igualdade total entre todas as pessoas de uma sociedade. Essa igualdade diz respeito às oportunidades sociais que uma pessoa possa ter para desenvolver sua personalidade. É diferente do reproduzido pelo senso comum em que o comunismo visa tornar todos os cidadãos iguais a nível de suas identidades e subjetividades.

O ideal ético comunista tem uma proposta humanista inserida dentro de uma nova comunidade humana. Com a supressão das classes sociais e com o proletariado dirigindo a democracia, a opressão e a exploração tornam-se inexistentes com o comunismo da maneira como foi elaborado por Marx e Engels. O significado de pobreza da forma como é utilizado nas sociedades capitalistas, principalmente para se referir à posse de dinheiro ou bens de consumo, se esvazia com o comunismo.



FIGURA 6 – Humor nonsense
FONTE: Página *O Retrôgrado*

A situação absurda neste caso (FIG. 6) está ao tratar o papa como comunista, já que a igreja católica como instituição é historicamente oposta ao comunismo. O papa, líder mundial da Igreja Católica Romana e Chefe de Estado do Vaticano, muitas vezes tem suas falas e ações interpretadas como comunistas pela mesma lógica que compreende o governo do PT como comunista: políticas em prol

dos direitos humanos e ações afirmativas passaram a ser interpretadas como práticas comunistas em oposição às práticas capitalistas – que abrangem o individualismo e a meritocracia, por exemplo.



FIGURA 7 – Humor surpresa
FONTE: Página *O Retrôgrado*

A surpresa do meme (FIG. 7) está na contraposição das imagens e dos textos verbais sobre elas. A imagem superior traz dois homens, um deles o presidente Jair Messias Bolsonaro, em um bar. Eles estão sentados em um jogo de cadeiras e mesa de plástico sobre a calçada. A imagem inferior traz três mulheres: Lily Marinho — esposa de Roberto Marinho, ex-dono das Organizações Globo —, a Deputada Federal Jandira Feghali e a ex-presidenta Dilma Rousseff. A imagem superior é acompanhada do texto “A ELITE BURGUESA BRANCA CAPITALISTA”. Já a imagem inferior é acompanhada por “COMUNISTAS”. O meme (FIG. 7) brinca com a inversão dos estereótipos, em que os homens brancos estão em um local simples, e duas mulheres de partidos de esquerda estão tomando champanhe com a esposa do ex-dono do 17º maior conglomerado de mídia do mundo¹⁵ – único representante da América Latina entre os 20 primeiros –, hoje, Grupo Globo. Intui-se que a montagem deste meme reforce o caráter do elemento surpresa, contribuindo para subverter a lógica do que é ser comunista para o senso comum.

¹⁵ Grupo Globo é o 17º maior conglomerado de mídia do mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/grupo-globo-o-17-maior-conglomerado-de-midia-do-mundo-16159426>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

5. Considerações finais

A partir das manifestações de junho de 2013 e da eleição presidencial de 2014, instaurou-se no Brasil um ambiente de crise política que culminou com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Neste contexto, o capital financeiro, a mídia hegemônica e os movimentos de direita emergiram na internet e passaram a utilizar o medo e a lógica comunista para julgar as ações do Partido dos Trabalhadores (PT). Este artigo buscou compreender as relações entre os memes da internet e os mitos políticos, especificamente, entre os memes de discussão pública e o mito político do comunismo, que mostrou-se ser vinculado ao mito da Conspiração.

Ao longo do tempo, o comunismo sempre foi mantido à margem, fora das discussões centrais da política brasileira. Elementos imputados ao comunismo na Era Vargas e na ditadura civil-militar continuam vivos e em efervescência no imaginário social de parte da população, contudo, agora, sua manifestação se dá de maneira latente por meio dos memes da internet. Os memes analisados neste artigo comprovam que o mito do comunismo no Brasil construído no país ainda se mantém forte no imaginário social de parte da população, principalmente para os opositores do PT. O fracasso, a agressividade e a fome são características carregadas pelos memes que reatualizam o mito político do comunismo no Brasil, o qual, pela maneira como é construído, é inerente ao mito da conspiração identificado por Girardet (1987). As analogias presentes nos memes analisados reforçam a participação política de seus emissores ao passo que também reatualizam mitos políticos.

Os memes políticos de discussão pública da internet contribuem para a construção da possibilidade de uma conspiração comunista no Brasil, com base na falta de reflexão sobre o tema por parte de seus emissores e no deslocamento de sentido. Estereótipos como o da fome, da agressividade e o da pobreza associados ao comunismo reforçam o medo de seus emissores em relação a um eventual governo comunista, sistema que reside no imaginário como total negação a qualquer tipo de realização democrática.

É possível intuir sobre o imaginário dos grupos conservadores e anticomunistas, pois os memes analisados expõem os aspectos do mito político da

conspiração (GIRARDET, 1987). Os comunistas são vistos como “O outro”, em uma inversão de si mesmos, que agem de maneira organizada e clandestina – aspectos endossados pela história. As bases deste mito estão calcadas em um sentimento quase instintivo de reação a uma ameaça ou a uma possível ameaça, geralmente acerca de um grupo que deseja submeter a ordem das coisas a ele, no caso, os comunistas, a partir do momento em que o governo do PT passou a ser entendido sob a lógica do comunismo.

Cada época apresenta maneiras diferentes de criação, de reprodução e de renovação do imaginário. Atualmente, os memes nos sites de rede social oportunizam a criação de uma identidade coletiva, ao estabelecer representações, papéis e posições sociais. A internet estimulou a participação política de parte da população, com a apropriação de imagens e da edição delas como parte do processo. A partir da cibercultura, os modos de existir e perceber o mundo são transformados por meio de um sentimento de proximidade com a política, desconfiança e descontentamento com as instituições.

Seguindo o materialismo histórico de Walter Benjamin, conforme Buck-Morss (2002), é possível considerar que com a internet e com os memes não houve progresso, mas sim uma atualização dos suportes responsáveis pela transmissão de ideias. Como visto nesta análise, o mito do comunismo, acoplado ao mito de uma conspiração, perdura até a presente data, porém utilizando-se de novos aparatos. Os memes, frutos da popularização da internet, são os agentes na reatualização dos mitos políticos. Elementos como a imagem mais um texto verbal, o senso comum e os estereótipos fazem com que os memes políticos de discussão pública contribuam para que o mito político do comunismo seja fomentado e reatualizado.

Os memes de discussão pública analisados, por serem frequentemente identificados como piadas por um determinado grupo, colaboram para o fortalecimento de solidariedades preconceituosas e reacionárias, frutos do tribalismo contemporâneo. A página *O Retrógrado*, fonte dos memes coletados para esta pesquisa, expõe o radicalismo em analogias carregadas de senso comum e estereótipos. Em um contexto contemporâneo, elementos do imaginário comunista datado do século XX são propagados por meio dos memes da internet. Os memes

de discussão pública analisados neste artigo cumprem o papel de explicação para aqueles que buscam compreender o presente por meio de uma lógica reacionária, defensiva e vigilante.

Referências

AB'SÁBER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**. 2014. Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cegueira-moral-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em 24 de maio de 2017.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens** / Susan Buck-Morss; tradução de Ana Luiza de Andrade; revisão técnica de David Lopes da Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____, M. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes. In: **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 25, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2018.

_____. “NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO”: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. In: Cervi, Emerson U; Massuchin, Michele G; Carvalho, Fernanda C de (org.) **Internet e Eleições no Brasil**. Curitiba: CPOP (grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016. 430 p. 1ª edição. E-book versão PDF.

_____; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. In: **Intexto**, 38, 2017.

_____; TOTH, Janderson Pereira. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (orgs.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.

DAWKINS, Richard. **O gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas** / Raoul Girardet; tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HSIEH, H. F.; SHANNON, S. E. Three Approaches to Qualitative Content Analysis. *Qualitative Health Research*. Thousand Oaks, v. 15, n. 9, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732305276687>.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cultura-da-convergencia-henry-jenkins-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em 28 de novembro de 2017.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORAIS, Isabela Nogueira. **Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea** / Isabela Nogueira de Moraes; orientador Dr. Carlos Aguiar de Medeiros. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/Isabela_Nogueira_de_Moraes.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2017.

NETTO, José Paulo. **O que todo cidadão precisa saber sobre comunismo**. São Paulo: Global, 1987.

RECUERO, Raquel. **Análise de redes para mídia social** / Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas** / Robério Paulino Rodrigues; orientador Osvaldo Coggiola. São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/pt-br.php>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia** / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgei Starling – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. London: MIT Press, 2014.

SILVA, J.M. **1964 – Golpe Midiático-Civil-Militar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOUZA, J. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

TAECHARUNGROJ, V.; NUEANGJAMNONG, P. Humour 2.0: styles and types of humour and virality of memes on Facebook. **Journal of Creative Communications**, Thousand Oaks, v. 10, n. 3, p. 288-302, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0973258615614420>.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.